Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.14, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E AFETIVIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO NEUROPSICOPEDAGÓGICA COM O MÉTODO FÔNICO NO AMBIENTE FAMILIAR

PHONOLOGICAL AWARENESS AND AFFECTIVITY DEVELOPMENT IN EARLY CHILDHOOD: A HOME-BASED NEUROPSYCHOPEDAGOGICAL INTERVENTION USING THE PHONICS METHOD

Angela Costa Santa Brígida
Doutora em Engenharia Elétrica, Universidade Federal do Pará - UFPA, Brasil
E-mail: acsbrigida@ufpa.br

Débora da Silva Farias Araújo
Especialista em Psicopedagogia, Preventório Santa Terezinha, Brasil
E-mail: deborasilvaaraujo18@gmail.com

Darlene Teixeira Ferreira
Doutora em Educação em Ciências, Universidade Federal do Pará - UFPA, Brasil
E-mail: dtferreira@ufpa.br

Sineide Costa Santa Brígida
Especialista em Educação Especial Inclusiva e TEA, Secretaria Municipal de Educação (SEMEC/Belém), Brasil
E-mail: sineidecsb@hotmail.com

Cledson Santana Lopes Goncalves
Doutor em Física, Universidade Federal do Pará - UFPA, Brasil
E-mail: cledsonslg@ufpa.br

Alessandra Soares de Souza Costa
Especialista em Neuropsicopedagogia com Ênfase em Educação Especial e Inclusiva, Secretaria Municipal de Educação (SEMEC/Belém), Brasil
E-mail: alessandra.costa@docente.semec.belem.pa.gov.br

Samia Santa Brígida Nogueira
Licenciada em Geografia, Instituto Federal do Pará - IFPA, Brasil
E-mail: samiageografia@gmail.com

Recebido: 15/07/2025 – Aceito: 29/07/2025

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.14, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

Resumo

Este artigo apresenta um relato de intervenção neuropsicopedagógica voltada à promoção da consciência fonológica na primeira infância, realizada em ambiente domiciliar com base no método fônico. A experiência foi conduzida com uma criança em idade pré-escolar, sem diagnóstico formal, que apresentava sinais de atraso na aquisição da linguagem escrita. As atividades foram estruturadas a partir de uma sequência didática com recursos lúdicos e multissensoriais, adaptados ao contexto familiar. Os registros da intervenção foram realizados manualmente pela terapeuta e analisados de forma qualitativa. Os resultados evidenciaram avanços significativos na identificação e pronúncia de fonemas, leitura de palavras simples, além de melhora na autoestima e no engajamento da criança com a linguagem escrita. A experiência indica que intervenções domiciliares, quando conduzidas com afeto, escuta sensível e fundamentação científica, podem contribuir positivamente para o processo de alfabetização de crianças com dificuldades na fase inicial da aprendizagem.

Palavras-chave: Consciência Fonológica; Alfabetização Inicial; Método Fônico; Intervenção Psicopedagógica; Ambiente Familiar.

Abstract

This article presents a report of a neuropsychopedagogical intervention aimed at promoting phonological awareness in early childhood, carried out in a home environment using the phonics method. The experience involved a preschool-aged child, without a formal diagnosis, who showed signs of delay in acquiring written language. The activities were structured through a didactic sequence using playful and multisensory resources, adapted to the family context. The intervention was manually documented by the therapist and analyzed qualitatively. The results indicated significant progress in phoneme identification and pronunciation, reading of simple words, as well as improvement in the child's self-esteem and engagement with written language. The experience suggests that home-based interventions, when conducted with affection, sensitive listening, and scientific grounding, can positively contribute to the literacy process of children facing initial learning difficulties.

Keywords: Phonological Awareness; Early Literacy; Phonics Method; Psychopedagogical Intervention; Family Environment.

1. Introdução

A alfabetização representa um marco simbólico e funcional no desenvolvimento infantil, especialmente nos primeiros anos da Educação Infantil. No entanto, muitas crianças enfrentam essa etapa com dificuldades emocionais, inseguranças e obstáculos ao adquirir a consciência fonológica, comprometendo os primeiros passos rumo à leitura e à escrita (Capovilla & Capovilla, 2020; Cardoso & Ciasca, 2018). Quando não acolhidas adequadamente, essas dificuldades tendem a provocar frustração, evitação, baixa autoestima e resistência às atividades escolares, exigindo abordagens pedagógicas e terapêuticas que considerem as singularidades de cada aprendente (Soares, 2022; Oliveira & Fernandes, 2019).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

Neste cenário, a atuação da neuropsicopedagogia tem ganhado destaque por integrar conhecimentos da psicologia, pedagogia e neurociência no acompanhamento de crianças com dificuldades de aprendizagem. Especialmente nos casos resistentes à leitura, trocas fonêmicas, falta de atenção ou desafios emocionais, o trabalho individualizado e lúdico torna-se uma alternativa potente para reconstruir vínculos com o aprender e favorecer a alfabetização de forma respeitosa e eficaz (Papalia & Feldman, 2013; Kishimoto, 2011).

O presente artigo[1] relata uma intervenção domiciliar realizada com uma criança em idade pré-escolar, utilizando o método fônico como estratégia central para estimular a consciência fonológica e facilitar o processo de alfabetização. A experiência foi registrada manualmente pela terapeuta e analisada de forma qualitativa, com base nos avanços observados ao longo das sessões e na resposta afetiva da criança às atividades propostas.

2. Revisão da Literatura

2.1 Consciência fonológica e as dificuldades iniciais na alfabetização

A consciência fonológica é amplamente reconhecida como um dos principais preditores do sucesso na alfabetização. Trata-se da habilidade metalinguística que permite à criança refletir sobre os sons da linguagem oral, segmentando e manipulando sílabas, rimas e fonemas (MORAIS, 2005; CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2004). Esse domínio é essencial para que o aprendiz compreenda o princípio alfabético e estabeleça relações sólidas entre os sons e suas representações gráficas.

Nas etapas iniciais da alfabetização, crianças que não desenvolvem adequadamente essa habilidade costumam apresentar dificuldades em tarefas como a leitura de palavras simples, a escrita espontânea e a identificação de fonemas iniciais ou finais. Tais dificuldades podem comprometer o desenvolvimento da fluência e da compreensão leitora, gerando impactos

[1] Nota de transparência: Este manuscrito foi escrito com base em experiência real integralmente pelos autores. Ferramentas de IA foram utilizadas exclusivamente para revisão linguística e apoio à estruturação textual, sem substituição da autoria intelectual. Esta experiência é pontual e não possui pretensão de generalização estatística. Seu valor reside na exemplificação de uma prática clínica afetiva, respeitosa e replicável no contexto domiciliar por outros profissionais da área.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

emocionais, como baixa autoestima e desmotivação escolar (DIAS; SEABRA, 2017).

Além dos fatores cognitivos, aspectos emocionais e ambientais influenciam diretamente o desenvolvimento da consciência fonológica. A ausência de interações linguísticas significativas no contexto familiar, a escassez de experiências lúdicas com a linguagem e a falta de estratégias pedagógicas apropriadas no ambiente escolar podem agravar as dificuldades de aprendizagem na fase inicial da alfabetização (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Dessa forma, é fundamental que os processos de alfabetização incluam práticas que integrem aspectos fonológicos, afetivos e sensoriais, oferecendo à criança oportunidades de explorar os sons da fala de maneira significativa e prazerosa. O uso de jogos, músicas, histórias rimadas e atividades de manipulação fonêmica são recursos eficazes nesse processo, especialmente quando mediados por adultos sensíveis às necessidades individuais de cada criança (RIBEIRO, 2019).

2.2 O método fônico como ferramenta de intervenção neuropsicopedagógica

Essa metodologia tem sido amplamente recomendado como estratégia eficaz no processo de alfabetização inicial, sobretudo quando aplicado de forma sistemática, lúdica e adaptada às características do aprendiz. Essa abordagem consiste no ensino explícito das relações entre os sons da fala (fonemas) e suas representações escritas (grafemas), com o objetivo de facilitar a decodificação e promover a fluência leitora (Ferreiro & Teberosky, 1999; Andrade, 2021). Nas intervenções psicopedagógicas, essa proposta permite que o terapeuta atue de forma concreta sobre dificuldades específicas da criança, promovendo avanços visíveis já nas primeiras sessões (Capovilla & Capovilla, 2020).

Além de sua eficácia fonológica, o método também se mostra compatível com práticas terapêuticas personalizadas. Ao ser combinado com recursos multissensoriais, como vídeos, músicas, jogos, letras móveis, tintas e modelagens, o ensino do som das letras se torna mais significativo, engajador e acessível, especialmente em casos de insegurança, baixa autoestima ou dificuldades emocionais que impactam o processo de alfabetização. A clareza da

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

estrutura do método e sua flexibilidade o tornam uma ferramenta potente na neuropsicopedagogia clínica e domiciliar.

2.3 Afetividade e ludicidade na intervenção terapêutica

O campo da neuropsicopedagogia reconhece que a aprendizagem infantil é permeada por aspectos afetivos e relacionais, não se limitando a operações cognitivas formais. A construção de vínculos seguros com os adultos mediadores, a valorização das conquistas da criança e a escuta sensível às suas emoções são elementos fundamentais para o fortalecimento da confiança e da motivação intrínseca (Wallon, 2007; Vygotsky, 1991). Em casos de crianças com histórico de frustração, autorrejeição ou baixa autoestima, a afetividade deixa de ser um elemento secundário: torna-se o caminho pelo qual a aprendizagem se concretiza.

Nesse contexto, o brincar assume um papel mediador essencial na construção de significados e no vínculo com o conhecimento O uso de materiais táteis, coloridos, sonoros e interativos permite que a criança mobilize múltiplos canais sensoriais, favorecendo a atenção, a memória e o prazer em aprender (Kishimoto, 2011; Faria et al., 2020). Quando essas práticas são inseridas no cotidiano familiar, com apoio afetivo dos cuidadores, os ganhos cognitivos, emocionais e linguísticos da criança se tornam mais consistentes e duradouros (Del Prette & Del Prette, 2005).

2.4 O ambiente familiar como espaço terapêutico de aprendizagem

Intervenções realizadas no contexto domiciliar têm se mostrado eficazes quando bem planejadas e mediadas por profissionais habilitados. O ambiente familiar, quando estruturado com afeto, rotina e apoio emocional, pode funcionar como um espaço terapêutico natural, favorecendo a segurança da criança para experimentar, errar e superar desafios (Oliveira & Fernandes, 2019; Papalia & Feldman, 2013). Em situações que envolvem dificuldades escolares ou resistência à leitura e escrita, a adaptação do ambiente doméstico como espaço de apoio pedagógico pode representar um ponto de virada no processo de aprendizagem.

A presença ativa da família contribui significativamente para a generalização

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

dos aprendizados, como reconhece a BNCC (Brasil, 2018) ao valorizar o protagonismo da criança nos diversos contextos em que está inserida.

Quando a mãe, o pai ou o cuidador acompanham a criança com palavras de incentivo, celebram pequenas conquistas e respeitam o ritmo da aprendizagem, constroem-se pontes entre o mundo emocional e o das letras. Assim, a alfabetização deixa de ser uma exigência externa e torna-se uma experiência de descoberta pessoal.

3. Metodologia

3.1 Tipo de estudo

Este artigo configura-se como um relato de experiência clínica, com abordagem qualitativa e descritiva, referente a uma intervenção neuropsicopedagógica realizada em ambiente domiciliar com uma criança de cinco anos em fase inicial do processo de alfabetização. A proposta foi conduzida por profissional psicopedagoga devidamente registrada na Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), com fundamentação teórica no método fônico e em práticas lúdicas, afetivas e multissensoriais.

A escolha pelo formato domiciliar se deu diante da necessidade de promover um ambiente seguro e familiar para a criança, que apresentava indícios de resistência às práticas escolares, dificuldades emocionais associadas à aprendizagem da leitura e da escrita, além de trocas fonêmicas e baixa autoestima.

3.2 Participante e contexto

A intervenção foi realizada com Maria Aparecida (nome fictício), uma criança de cinco anos, matriculada no Jardim II de uma escola da rede pública, moradora da região metropolitana de Belém do Pará. A participante apresentava sinais de atraso na aquisição da linguagem escrita, com trocas de fonemas, confusão auditiva entre sons semelhantes e baixa autorregulação emocional frente às atividades com letra.

De acordo com os relatos da mãe durante a anamnese, a criança demonstrava insegurança, evitava atividades escolares que envolviam letras e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

apresentava episódios de autodeclarações negativas como “eu não consigo”, “ninguém gosta de mim”. O desenvolvimento motor da criança se deu dentro dos padrões esperados, mas observava-se certa instabilidade frente a frustração, agitação psicomotora e dificuldades para manter o foco em tarefas verbais.

A criança não possui diagnóstico clínico formal, mas apresentava sinais de comprometimento emocional e fonológicas que motivaram a intervenção preventiva no ambiente familiar.

3.3 Procedimentos de avaliação e intervenção

O processo foi iniciado com uma avaliação psicopedagógica diagnóstica, composta por três sessões: (1) entrevista inicial com a família, observação direta e aplicação de atividades de triagem da consciência fonológica (identificação de rimas, nomeação de letras, substituição de sílabas e testes de percepção auditiva). Os dados da avaliação permitiram o delineamento de um plano terapêutico personalizado, com foco no desenvolvimento verbal e no fortalecimento do vínculo afetivo.

A intervenção consistiu em sete sessões psicopedagógicas estruturadas, realizadas em casa, com duração média de uma hora cada. Cada sessão foi planejada em três etapas:

(1) acolhimento e vínculo afetivo;

(2) atividade fonológica central com foco em fonemas específicos (F, V, S, Z, X, J, L, R);

(3) prática lúdica de consolidação.

Entre os recursos utilizados destacam-se: músicas fonológicas (ex: “As letras falam”), vídeos educativos, figuras do método das boquinhas, letras móveis, tablet magnético, tinta guache, massinha de modelar, jogos de tabuleiro (Dominó de Letras, UNO, Pega-Varetas) e balões com sílabas.

Durante todo o processo, foi mantido um diário de bordo pela profissional, com registro das respostas emocionais, dificuldades fonêmicas observadas, estratégias utilizadas e falas espontâneas da criança.

3.4 Justificativa ética

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

Este trabalho trata de um relato de experiência, realizado com fins exclusivamente terapêuticos e formativos, conduzido no contexto doméstico com o consentimento verbal e escrito da família, sem vínculo com instituições acadêmicas ou escolares. A condução do processo foi realizada por profissional com registro ativo na ABPp (Associação Brasileira de Psicopedagogia).

Conforme dispõe a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, especialmente em seu artigo 1º, inciso II, relatos de experiência realizados com um único sujeito e sem intenção de generalização estatística estão dispensados de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Este relato não se configura como pesquisa científica, mas como compartilhamento profissional de uma experiência domiciliar de natureza terapêutica.

4. Resultados e Discussão

Todos os dados apresentados nesta seção foram registrados manualmente pela terapeuta em diário de bordo, com base em observações sistemáticas realizadas ao longo das sessões. O processo de documentação incluiu falas espontâneas da criança e relatos informais da mãe, compondo um registro sensível e detalhado da intervenção. Nenhum software automatizado foi utilizado para coleta, transcrição ou análise das informações, o que reforça o caráter artesanal, humanizado e personalizado do acompanhamento terapêutico.

A intervenção fonológica realizada com Maria Aparecida revelou-se efetiva não apenas na construção de habilidades metalinguísticas iniciais, mas também na ressignificação afetiva do processo de alfabetização. Ao longo das dez sessões, foi possível observar mudanças significativas no comportamento, no engajamento e na participação da criança sobre sua própria capacidade de aprender.

No início da intervenção, Maria apresentava boa compreensão verbal, iniciativa e empolgação diante das atividades lúdicas, mas revelava dificuldades na articulação de fonemas específicos e nas tarefas que exigiam atenção sustentada e memória auditiva. Durante a avaliação diagnóstica, observou-se confusão entre sons semelhantes (VA/FA, TE/DE, ZI/SI), inversões (R/L) e

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

dificuldades de articulação de sons vocálicos, indicando a necessidade de um trabalho fonológico específico e individualizado.

As primeiras sessões foram essenciais para a criação de um vínculo terapêutico baseado na escuta, na ludicidade e no afeto. Atividades como o “tablet magnético”, músicas fonológicas e jogos com massinha de modelar ajudaram a criança a se sentir segura e motivada. A introdução das consoantes F e V, por exemplo, foi feita por meio de vídeos, gestos e objetos do cotidiano, permitindo que Maria não apenas reconhecesse os sons, mas também os relacionasse a palavras concretas, como “foca”, “vovó” e “fita”.

Durante as sessões intermediárias, foram trabalhadas as consoantes S, Z, X e J, sempre com o suporte de materiais táteis e auditivos. A associação entre o som do “S” e o chiado da cobra, por exemplo, foi especialmente significativa para a criança, que sorriu ao perceber a semelhança e passou a reproduzir com entusiasmo o fonema. A escrita com tinta guache da letra S e os jogos de associação com figuras reforçaram esse aprendizado de forma prazerosa.

Além dos avanços linguísticos, a intervenção favoreceu transformações subjetivas importantes. Maria passou a demonstrar mais confiança em suas respostas, reduziu falas autodepreciativas (“eu não consigo”) e se mostrou mais disposta a participar de atividades de leitura e escrita e em algumas ocasiões fazia referência de sons de palavras conhecidas ao som das sílabas trabalhadas: Ex. Ju de Jujuba, Só de sofá, re de remédio, fa de faca. Em uma das sessões, por exemplo, ao trabalhar a letra J, a criança identificou espontaneamente o som trabalhado em nomes conhecidos, como ‘J de Julia’, o que fortaleceu seu vínculo com o conteúdo e sua autoestima. Em suas palavras, disse sorrindo: “J de Julia igual da minha amiga! Eu já sei!” Essa identificação pessoal reforçou sua motivação e autoconfiança.

As últimas sessões foram dedicadas ao trabalho com os fonemas L e R, este último sendo o mais desafiador. A criança apresentou dificuldades para pronunciar palavras com o som do R, especialmente na distinção entre o R fraco e o R forte. Para auxiliar essa assimilação, foram utilizadas músicas como “A Barata Diz que Tem” e “Dona Aranha”, além de dramatizações e reforços positivos. Para aprofundar a investigação e avaliar se havia necessidade de encaminhamento

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

fonoaudiológico, foram realizados exercícios orofaciais de estimulação, como vibração de lábios, estalo da língua, movimentos com a língua para “varrer o céu da boca”, beijos simulados, bico e sorriso alternados, entre outros.

Mesmo após essas estratégias, observou-se que a criança apresentava persistente dificuldade na articulação do R, indicando a necessidade de uma avaliação específica com profissional fonoaudiólogo. Ainda que o domínio pleno do fonema não tenha sido alcançado ao final da intervenção, houve progresso na discriminação auditiva, leitura de pequenas palavras, escrita e esforço ativo para aprender. Vale ressaltar que Maria Aparecida conseguiu ler palavras como rato, rua, rede, rabo, rei e roda, mas ainda apresenta dificuldade com palavras como barata, coroa e arara, evidenciando trocas pelo fonema L.

Além dos fonemas, aspectos psicomotores e emocionais também foram estimulados. Atividades como a modelagem de papel crepom (movimentação da pinça), escrita com os dedos na tinta e pequenas dramatizações ajudaram no fortalecimento da coordenação motora fina e da expressão corporal, componentes importantes para a preparação da escrita. O uso de jogos como Dominó do Alfabeto, Pega-Varetas e UNO contribuiu significativamente para o desenvolvimento das funções executivas da criança, como o controle inibitório, a memória operacional e a atenção compartilhada (Dias & Seabra, 2017).

A avaliação final indicou que Maria Aparecida foi capaz de ler palavras simples como lua, sofá, vovó, xixi, xuxa, sua, fé e fio, além de identificar e pronunciar corretamente diversos fonemas trabalhados ao longo da intervenção. Em uma das sessões finais, Maria declarou espontaneamente: *“Agora eu consigo ler igual gente grande!”*, revelando o impacto emocional positivo da intervenção.

A progressão das habilidades fonológicas e a motivação da criança ao longo da intervenção também puderam ser observadas por meio de registros fotográficos (ver Apêndice A), que retratam momentos de aprendizagem ativa e envolvimento emocional durante as sessões.

A criança também passou a demonstrar maior interesse pelas atividades escolares, maior disposição para repetir sons e menor resistência frente a tarefas que antes causavam frustração. Tais ganhos confirmam a importância de uma abordagem psicopedagógica sensível, individualizada e fundamentada na

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

afetividade, como já defendido por autores como Wallon (2007) e Vygotsky (1991).

Por fim, destaca-se o papel da família como coautora do processo. A presença constante da mãe durante as sessões, o acolhimento das orientações profissionais e o incentivo diário à participação da filha foram fundamentais para o sucesso da intervenção. Como apontam Oliveira e Fernandes (2019), quando a família se compromete afetivamente com a aprendizagem, a criança encontra em casa a segurança para desenvolver seu potencial.

5. Conclusão

A intervenção neuropsicopedagógica domiciliar aqui relatada demonstrou que, mesmo fora do espaço escolar formal, é possível promover avanços expressivos na alfabetização de crianças em idade pré-escolar, desde que se respeitem o ritmo individual, as necessidades emocionais e as especificidades fonológicas de cada aprendente.

Com o método fônico como base metodológica e o uso de estratégias lúdicas e multissensoriais, a intervenção possibilitou que Maria Aparecida ampliasse sua consciência fonológica e desenvolvesse habilidades iniciais de leitura, além de transformar positivamente sua relação com a linguagem escrita. A escuta empática da terapeuta, aliada a materiais significativos e à valorização das pequenas conquistas diárias, contribuiu para o fortalecimento da autonomia e da motivação da criança (Ribeiro, 2019).

Sob a perspectiva neuropsicopedagógica, a experiência reforça a importância de práticas que integrem os domínios cognitivos, afetivos e sensoriais, especialmente em intervenções voltadas ao enfrentamento precoce de dificuldades de aprendizagem. A atuação no ambiente familiar, com envolvimento ativo da família, mostrou-se eficaz não apenas para crianças com perfil inseguro, baixa autoestima ou dificuldades emocionais, mas também para a construção de um percurso de alfabetização mais leve e significativo.

Ressalta-se ainda o papel fundamental dos cuidadores nesse processo, evidenciando que a alfabetização, quando permeada por vínculo afetivo e escuta

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

atenta, pode se tornar uma vivência transformadora para a criança e para os adultos que a acompanham.

Por se tratar de uma experiência[2] realizada com um único sujeito em ambiente terapêutico não institucional, reconhece-se a limitação em relação à generalização dos resultados. A experiência indica que, com sensibilidade, recursos acessíveis e o envolvimento da família, a intervenção psicopedagógica no ambiente domiciliar pode promover avanços reais e contribuir para uma alfabetização mais afetiva e transformadora.

Referências

ANDRADE, Débora Cristina. **Método fônico e alfabetização: uma proposta para crianças com dificuldades de leitura**. São Paulo: Cortez, 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: MEC, 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CAPELLINI, Simone Aparecida; OLIVEIRA, Ana Carolina Lima. Intervenção fonológica no transtorno de aprendizagem: estratégias e possibilidades. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 37, n. 113, p. 31-41, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5935/1984-0063.20200005. Acesso em: 17 jul. 2025.

CAPOVILLA, Fernando César; CAPOVILLA, Alessandra Cunha. **Método fônico de alfabetização: teoria e prática**. São Paulo: Memnon, 2020.

CARDOSO, Carla Faria; CIASCA, Sylvia Maria. Alfabetização e dificuldades de aprendizagem: a importância da avaliação interdisciplinar. **Cadernos de Educação,** Pelotas, n. 51, p. 121-134, 2018.

COSTA, Rafaela Gomes; BATISTA, Luciana Farias. Adaptações pedagógicas no processo de alfabetização: práticas inclusivas em foco. **Revista Saberes,** Belém, v. 12, n. 2, p. 89-106, 2022.

[2] Esta experiência é pontual e não possui pretensão de generalização estatística. Seu valor reside na exemplificação de uma prática clínica afetiva, respeitosa e replicável no contexto domiciliar por outros profissionais da área

DALLACQUA, Valéria Furlan; NASCIMENTO, Camila Pereira do. Estratégias fonológicas no processo de alfabetização: um estudo de caso. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, p. 1-15, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5902/1984686X42780. Acesso em: 17 jul. 2025.

DIAS, N. A.; SEABRA, A. G. **Funções executivas e autorregulação na infância: contribuições da neuropsicologia ao contexto escolar.** Psicologia em Estudo, v. 22, n. 4, p. 563-575, 2017.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Habilidades sociais e desenvolvimento infantil.** Petrópolis: Vozes, 2005.

FARIA, Fernanda Gomes; ARAÚJO, Lucas Cardoso; SANTOS, João Marcos. A importância das práticas lúdicas na alfabetização: o brincar como estratégia de ensino. **Revista Educação em Foco,** v. 23, n. 1, p. 54-70, 2020.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 23. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias: uma perspectiva histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2011.

LEITE, Clarissa Guimarães. Intervenção fonológica na Educação Infantil: contribuições do método fônico. **Revista Psicopedagogia em Ação,** v. 2, n. 1, p. 44-58, 2021.

MORAIS, José***. A arte de ler: ou como resistir à adversidade***. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

OLIVEIRA, Maria Fernanda; FERNANDES, Letícia Magalhães. Práticas de alfabetização e inclusão: a afetividade como elo. **Revista Interações,** Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 191-207, 2019.

PAPALIA, Diane E.; FELDMMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano.** 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

RIBEIRO, R. M. **Mediação afetiva e aprendizagem na infância: o papel do educador na constituição da linguagem e da autonomia.** Revista Psicopedagogia, v. 36, n. 111, p. 119-128, 2019.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

SEYMOUR, Philip; ARO, Mikko; ERSKINE, Jane M. Foundation literacy acquisition in European orthographies. **British Journal of Psychology,** London, v. 94, n. 2, p. 143-174, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1348/000712603321661859. Acesso em: 17 jul. 2025.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos.** 15. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

TOKUHAMA-ESPINOSA, Tracey. **Neurociência e aprendizagem: 5 verdades essenciais.** Porto Alegre: Penso, 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.14, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

APÊNDICE A – Registro Ilustrativo da Intervenção

As imagens A1 até A5 foram registradas durante a aplicação de algumas intervenções fonológicas domiciliares com base no método fônico. Por questões éticas, os registros foram recortados para preservar a identidade da criança, sem exibição de traços identificáveis. As atividades demonstradas refletem a proposta de abordagem multissensorial, lúdica e afetiva, conduzida com apoio familiar e orientação profissional neuropsicopedagógica. Todas as imagens foram utilizadas com consentimento familiar, em conformidade com a Resolução 510/2016 e as orientações da ABPp.

Figura A1 – Atividade tátil para reforço da relação fonema-grafema.



Fonte: Produção da criança (2025), com autorização familiar.

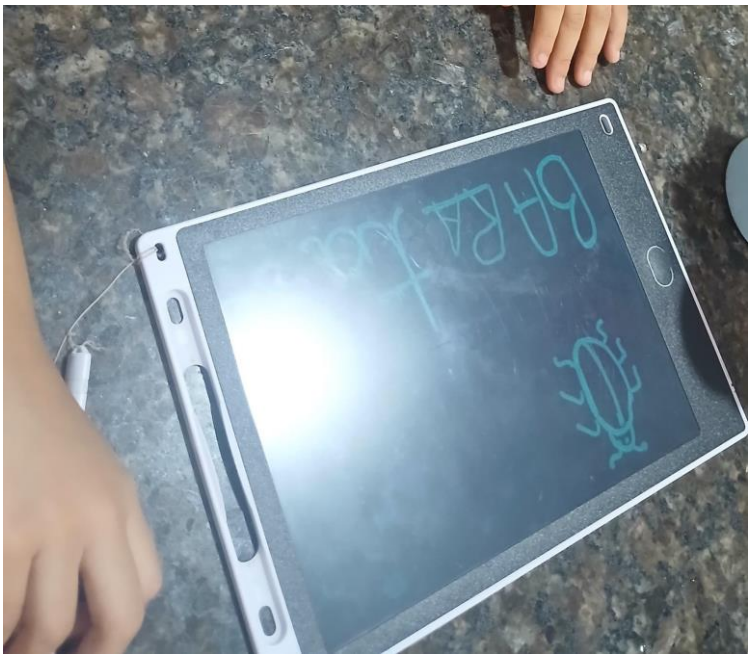
Figura A2 – Estimulação da motricidade fina e reconhecimento visual de grafias.



Fonte: Produção da criança (2025), com autorização familiar.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.14, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

Figura A3 – Prática de consciência fonológica e coordenação motora com tablet magnético.



Fonte: Produção da criança (2025), com autorização familiar.

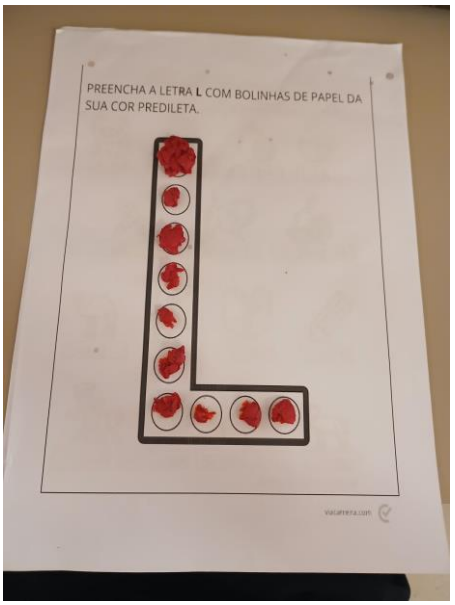
Figura A4 – Treino de percepção espacial, sequência e foco atencional.



Fonte: Produção da criança (2025), com autorização familiar.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.14, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/ksdgh314

Figura A5 – Reforço multissensorial da letra L com colagem de papel colorido.



Fonte: Produção da criança (2025), com autorização familiar.

Essas atividades foram adaptadas de forma individualizada e articuladas ao planejamento da intervenção, promovendo o envolvimento afetivo, a autonomia e o fortalecimento da autoestima da criança ao longo do processo de alfabetização. Todas as imagens foram recortadas, sem exibição de traços identificáveis da criança, e seguem as orientações éticas da ABPp para relatos clínicos.